

“HANDLING”

BCP e BES estudam entrada no capital da Groundforce

Bancos privados estão em conversações com a TAP para ficarem com a posição da Globália



Tratamento das bagagens | A operação de “handling” na Portela foi o principal ponto de discórdia dos accionistas.

Ana Torres Pereira atp@mediafin.pt
Maria João Gago mjgago@mediafin.pt

O BCP e o BES estão a estudar a possibilidade de adquirir a posição dos espanhóis da Globália na Groundforce Portugal. Os bancos privados estão em conversações com a TAP, com vista a analisar a viabilidade de entrarem, em parceria, no capital da operadora de “handling”, através da compra da posição da Globália, soube o Jornal de Negócios.

Os bancos encaram este eventual negócio como um investimento. Assim, o propósito do seu interesse não será a posterior venda da Globália, pelo menos a curto prazo. As duas instituições poderão vir a concretizar esta operação recorrendo às suas empresas de capital de risco ou a outros veículos vocacionados para a compra de participações empresariais. Os bancos e a TAP, contactados pelo JdN, não quiseram fazer quaisquer comentários.

A Globália, há muito em litígio com a TAP relativamente à gestão da Groundforce, resolveu alienar a sua posição no operador nacional de “handling”. Para acelerar esse processo, mandatou a transportadora aérea para que esta encontre um parceiro que esteja interessado em adquirir os 50,01% controlados pelos espanhóis na empresa.

A venda da participação da Globália a instituições financeiras poderá resolver o “problema” de gestão da Groundforce Portugal. A TAP, accionista minoritário e maior cliente da Groundforce, há muito que estava em divergência quanto às orien-

tações de negócio da operadora de “handling”, nomeadamente quanto ao enfoque do negócio. O presidente da TAP chegou a dar a entender que a Groundforce estava focalizada na sua expansão internacional, descurando a operação em Portugal, nomeadamente no aeroporto de Lisboa, onde residem todos os problemas.

A transportadora nacional não tem conseguido deixar os últimos lugares do “ranking” em termos de malas perdidas e Fernando Pinto chegou a atribuir parte das “culpas” à forma como a Groundforce estava a ser conduzida pelo então administrador-delegado, Ângelo Esteves. Desde o final do ano que as divergências entre os dois accionistas se

adensaram, o que acelerou a vontade da Globália sair do capital da Groundforce.

Em 2004, os espanhóis foram os candidatos que apresentaram a oferta mais elevada na privatização da SPDH, unidade de “handling” da TAP, hoje Groundforce Portugal. A Globália pagou 45 milhões de euros, deixando a Mota-Engil no segundo lugar. Mais recentemente, o presidente da construtora nacional chegou a manifestar interesse em reanalisar a entrada na Groundforce, uma vontade que esmoreceu. Já a Ferrovial, em declarações ao “Diário Económico”, demonstrou interesse em analisar, mas nada ainda aconteceu e a Groundforce continua com um problema por resolver.

TAP admite retomar ligações directas entre Madeira e Europa

➔ A TAP admite regressar aos voos directos entre o Funchal e algumas capitais europeias, assim que o aeroporto de Lisboa o permita, avançou Luiz Gama Mor, vice-presidente da TAP, à margem da assinatura de um protocolo com a Associação de Turismo de Lisboa. “O nosso interesse é voltar aos voos directos, mas por enquanto não conseguimos dar essa oferta pela dificuldade do aeroporto”, disse Luiz Gama Mor. O responsável reiterou que a TAP não vai terminar com a ligação entre o Funchal e a Europa continental. Tanto é que irá lançar em Abril a ligação Funchal-Madrid, apenas será necessário proceder à mudança de avião. A TAP diz ainda que é possível que os preços aumentem “ligeiramente”, uma vez que o aeroporto irá cobrar mais uma taxa que será repercutida na tarifa dos passageiros. Na passada semana, o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, incitou o Governo a intervir nos serviços de transporte aéreo que a TAP presta à região autónoma, depois da empresa ter anunciado que iria acabar com os voos directos entre o arquipélago e diversas capitais europeias. A decisão da TAP de acabar com os voos directos entre a Madeira e diversas capitais europeias foi justificada com dificuldades operacionais no aeroporto da Portela, em Lisboa.

AGRICULTURA

Concorrência espanhola faz apodrecer batata portuguesa

Filipe Paiva Cardoso
filipecardoso@mediafin.pt

Os agricultores do Alto Tâmega calculam que mais de três mil toneladas de batata estão nos armazéns daquela região por vender restando pouco mais de um mês até que o calor ponha toda a produção em risco. A culpa, dizem, é da concorrência espanhola que, “sendo de má qualidade”, está a chegar a Portugal a um preço inferior e rotulada como se fosse portuguesa, acusa Armando Carvalho, presidente da Fagrorural – Federação de Associações Agro Florestais Transmontanas, em declarações ao Jornal de Negócios.

O responsável sublinhou que a situação é “muito preocupante” pois a maioria da produção advém de pequenos agricultores cuja subsistência depende só da produção de batata. E mesmo que haja possibilidade de ser escoada, sublinha Armando Carvalho, os preços

nidos e vários, segundo Armando Carvalho, disseram “ter constatado a entrada de batatas espanholas que são ‘transformadas’ em batata transmontana e vendidas”. Só este grupo de cem produtores tem cerca de 700 toneladas de batatas por escoar.

Fiscalização na fronteira

A Fagrorural vai agora, em conjunto com a Confederação Nacional da Agricultura, pedir à Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte e ao próprio Ministério da Agricultura a tomada de uma série de medidas para, primeiro, prevenir a entrada de batatas espanholas sem controlo e, segundo, procurar o estabelecimento de um preço ao produtor “justo”, a rondar os 0,2 euros para a batata, avançou Armando Carvalho.

“É preciso aumentar a fiscalização nas fronteiras, para garantir que as batatas que chegam de Espanha cumprem os mesmos re-



ao produtor estão “a um nível irrisório” que não compensam sequer os custos de produção. Os preços não ultrapassam os 0,07 euros/quilo – contra os 0,2 euros em 2005 ou os 0,4 euros em 2006 – que, ainda assim, é superior ao da batata que chega de Espanha, cujo preço é de 0,05 euros. “Em Espanha”, justifica a Fagrorural, “o Estado apoia e há grandes áreas de cultivo de produção intensiva”, algo que permite custos mais baixos mas “batatas de má qualidade”.

E os agricultores do Alto Tâmega vão mais longe. Na última semana cerca de cem estiveram reu-

quisitos de qualidade a que estamos sujeitos” diz o líder da Fagrorural, que sublinha que tal “é o que acontece quando somos nós a vender a Espanha”.

Prejuízo e despesa

Um outro lado negativo da falta de escoamento é que, além da não venda dos seus produtos, os agricultores ainda serão prejudicados com custos “para que estas sejam enterradas” depois de apodrecerem, diz Armando Carvalho.

Segundo o INE, produzem-se cerca de 570 toneladas de batata em Portugal e o consumo per capita português é de 86,8 quilos.